

Loreto, 30 de outubro de 1995,
Santuário da Encarnação



Santuário de Loreto

SANTUÁRIOS E DEVOÇÃO POPULAR EM NOSSA TRADIÇÃO CAPUCHINHA

*A todos os irmãos capuchinhos
e às irmãs capuchinhas
em suas respectivas sedes*

Estimados Irmãos e irmãs,

1.1 Aos 12 de dezembro de 1994, João Paulo II inaugurou o VII Centenário do santuário de Loreto, presidindo solene Eucaristia, juntamente com cardeais e bispos de toda a Itália. Estavam presentes também o Presidente da República italiana e muitas autoridades civis. Os frades capuchinhos (mais de 30) —que atendem pastoralmente três milhões e meio de visitantes e peregrinos que, anualmente, visitam o Santuário de Loreto— apareciam dispersos entre o povo de Deus, ao qual prestam seus serviços.

1.2 Essa presença dos capuchinhos, escondida entre o povo, harmoniza-se com a história por eles vivida nesse santuário. Desde os primórdios da reforma capuchinha, os frades empenharam-se em atividades caritativas, assistindo os peregrinos pobres e doentes, preocupando-se com a limpeza e com a conservação da Santa Casa e da basílica, preparando as hóstias para as missas e lavando as alfaias e objetos sacros. As antigas crônicas contam que nossos frades, depois das vésperas, varriam a Santa Casa ajoelhados (MHOC, XIV, 424, 427-429).

1.3 O santuário influiu muito na primitiva fraternidade capuchinha. Bernardino de Colpetrazzo escreve que os primeiros frades costumavam construir casas segundo o modelo da Santa Casa de Loreto (MHOC, IV, p. 23) para imitar a pobreza e reviver o clima de profunda contemplação que dela transpirava. No final do século XVI os frades se estabeleceram definitivamente em Loreto. Na primeira fase viveram em duas casas e, posteriormente, em um convento, construído atrás do santuário pelo cardeal Antônio Barberini, irmão do papa Urbano VIII. Em 1934, Pio XI confiou o santuário de Loreto aos frades com todas as atividades pastorais, litúrgicas, promocionais e culturais, exigidas por esse centro.

1.4 A Ordem não pode permitir que termine esse importante Centenário sem manifestar a mais profunda gratidão à Província das Marcas e aos numerosos frades de outras

Províncias pela devoção e pelo sacrifício com que serviram e continuam servindo o Santuário da Encarnação, os visitantes e os peregrinos.

1.5 Ao mesmo tempo o Centenário desse santuário mariano possibilita uma reflexão sobre nossa presença e nosso ministério nos numerosos santuários confiados à nossa Ordem.

2.1 Através da longa história da Ordem, as capelas disseminadas pelos campos e pelos montes ajudaram a alimentar o nosso carisma. Esses lugares, com o tempo, transformaram-se em santuários, oásis de paz, ilhas de oração e, portanto, estímulo para a renovação da fé e da religiosidade do povo. Em geral, eram construções pequenas, longe das cidades, freqüentadas por poucas pessoas. Os grandes e importantes santuários —como Loreto ou Altötting, San Giovanni Rotondo— são exceções.

2.2 A maioria dos santuários são dedicados à Virgem Maria, freqüentemente venerada com títulos locais. Em 1750 foi confiado aos capuchinhos o santuário de *Tirano* (Valtellina, Itália), que tinha sido construído como um baluarte do catolicismo contra a «invasão» protestante (*Lexicon Cap.*, 1710). Existem santuários dedicados aos vários mistérios da vida e da pessoa de Cristo, como o *Jesús de Medinaceli* em Madri. As *Celle di Cortona* e o eremitério de *Montecasale* (Itália) aparecem como anéis vivos que nos ligam ao início da Ordem franciscana. O santuário de São Francisco em *Canindé* (Ceará, Brasil) é dedicado aos estigmas de São Francisco. Muitos santuários são dedicados a Santo Antônio: *Cuatro Caminos* em Madri, *Lac Bouchette* em Quebec (Canadá), *Saragozza* em Aragão (Espanha), etc. Freqüentemente nos santuários se encontra o corpo de um santo ou de um beato capuchinho ou franciscano, tornando-se centro de atração para o povo. O *Ashram* de José Thampy em Andhra Pradesh (Índia) conserva o corpo desse santo eremita itinerante da Ordem Franciscana Secular. A igreja da fraternidade de *St. Joseph* em Detroit (Estados Unidos) conserva o corpo do venerável capuchinho Solano Casey. O corpo de São José de *Leonessa* (capuchinho) é conservado no santuário da cidade de *Leonessa* (Itália).

3.1 Os documentos da Igreja, as nossas *Constituições* e os documentos dos vários Conselhos Plenários da Ordem nos convidam a reexaminar nossa presença e nosso modo de servir nos muitos e diferentes santuários a nós confiados.

3.2 O 1º CPO de Quito, celebrado há quase 25 anos (1971) preocupou-se com nosso comum testemunho de pobreza. Naquele tempo, a renovação conciliar dava pouca importância à piedade popular e às devoções, como novenas, bênçãos, procissões e culto dos santos. Desta maneira, Quito ofereceu uma recomendação restritiva e quase negativa: «*Quanto aos santuários a nós confiados, verifique-se a real necessidade de nossa presença. Se esta não existir, sejam deixados. No futuro, os santuários não sejam por nós nem construídos e nem aceitos se oferecidos a outros, porque ocupam demais os religiosos que poderiam, ao invés, trabalhar para as missões ou para os pobres. Evite-se o interesse pelo dinheiro porque não de acordo com nosso espírito de pobreza. Nosso apostolado seja inserido na programação pastoral da igreja local*» (1º CPO, 58; tradução não oficial).

Embora, hoje, vejamos a recomendação de Quito sob nova luz, ela encerra válida mensagem para os dias atuais. De maneira particular, continuamos a valorizar o insistente pedido de Quito quanto à pobreza e ao desapego de qualquer interesse pelo dinheiro, a estimar nosso ministério em favor dos pobres e nossa inserção na Igreja local.

3.3 A Igreja latino-americana redescobriu o sentimento religioso popular como concreta síntese histórica da fé e da cultura do povo. O *Documento de Medellín* de 1968 e, especialmente, o *Documento de Puebla* de 1979 acentuam o papel do povo como «*locus theologicus*». Desta maneira, a religião e a devoção popular transformam-se em sinal dos tempos na Igreja de hoje.

3.4 O *Documento de Puebla* declara que a piedade religiosa popular deu à cultura latino-americana a sua identidade e unidade espiritual, nutrida pela fé e, com freqüência, imbuída com formas apropriadas de catequese popular (nº 412). O povo, formado por esta piedade, possui uma sabedoria com características contemplativas, que se manifesta nos contatos dos pobres com a natureza e com as outras pessoas. Tudo isto confere especial característica ao trabalho, ao serviço, às festas e aos laços de parentesco e de amizade, cuja dignidade não se vê diminuída por causa da pobreza e da simplicidade de vida (nº 413). Por isso, *Puebla* afirma que o sentimento religioso popular não é somente objeto de evangelização mas —enquanto é expressão da Palavra de Deus— é uma forma ativa com a qual o povo evangeliza a si mesmo (nº 450).

3.5 Na *Evangelii Nuntiandi* o papa Paulo VI vê a piedade popular como expressão concreta da evangelização encarnada nas culturas locais. Assim ele especifica suas qualidades: «*Essa manifesta uma sede de Deus que somente os simples e os pobres podem conhecer. Confere a capacidade de ser generosos e de sacrificar-se até o heroísmo, quando se trata de manifestar a fé. Contem um senso agudo dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante. Gera atitudes interiores raramente observadas em outras partes na mesma intensidade: paciência, senso da cruz na vida diária, desapego, abertura aos outros, devoção*» (nº 48; tradução não oficial).

O papa João Paulo II não perde ocasiões para reafirmar a importância desse sentimento religioso como encarnação cultural da fé e como salvaguarda da cultura cristã. Visitou pessoalmente os mais famosos santuários marianos confiados à nossa Ordem: Altötting e Loreto.

3.6 O Código de direito canônico oferece algumas indicações para os santuários: proclamar a Palavra de Deus, celebrar a vida litúrgica e sacramental da Igreja, cultivar as formas aprovadas de devoção popular (cânon 1234). O V CPO ofereceu estes critérios: os santuários devem ser expressão dos valores fundamentais de nossa vida fraterna, de sensibilidade aos valores humanos, cuja atividade deve ser consoante com os planos da pastoral da Província e da Igreja local (nº 53). As *Constituições* recomendam que os santuários de nossa Ordem sejam «*centros de evangelização e de sadia devoção*» (nº 151,4).

4.1 Um número sempre crescente de peregrinos chega a Assis, o santuário central da Família Franciscana. O povo vem para encontrar Francisco, o irmão universal, o amigo dos pobres, o homem do Evangelho, o sinal de paz e de reconciliação e a voz de louvor a Deus em meio a criação. Não foram estes os motivos fundamentais que, há dez anos, o mais eminente entre os peregrinos -o papa João Paulo II— quis acompanhar a este santuário de São Francisco a mais de 100 chefes religiosos vindos de todo o mundo? Não é algo realmente notável que a devoção popular defina tão apropriadamente o carisma essencial do movimento franciscano? A devoção popular procura espontaneamente experimentar e assimilar os valores evangélicos de Francisco e de Clara, valores que podem transformar a vida do mundo, ansioso na procura do novo destino comum. Tal



Assis, santuário central da Família franciscana

Tal evidência interroga, de maneira eloqüente, todos os santuários franciscanos. O «*espírito de Assis*» pode ser reencarnado, em formas conscientes, em outros santuários de caráter internacional, nacional ou local, mas sempre respeitando o carisma particular de cada um deles.

4.2 Nos santuários «*do povo*», de devoção popular, deveriam estar presentes «*homens do povo*», prontos a acolher e a servir os peregrinos como os primeiros frades em Loreto. É esta a tradição que as *Constituições* acentuam quando afirmam: «... *vivamos alegremente no meio dos pobres, dos fracos e dos enfermos, partilhando sua vida e mantendo nossa abertura característica em relação ao povo*» (nº 4,4).

Nosso esforço deve ser o de fazer sentir aos peregrinos que eles são nossos irmãos e nossas irmãs, e não nossos «*clientes*». Eles devem perceber a hospedagem franciscana do «*Paz e Bem*» e tudo o que implica esta saudação, tão rica de significado.

A visita a um santuário, quando guiada por uma pessoa que conhece a história e a espiritualidade do santuário e é sensível às necessidades do povo de hoje, pode transformar-se em excelente instrumento de catequese prática.

Nos últimos anos de sua vida, *frei Antônio-Maria de Likochin*, sacerdote de origem russa da Província de Sabóia (França), anualmente passava alguns meses em *Montecasale* (Itália). Guiava os peregrinos e os visitantes pelo santuário com grande espírito de fé e com profunda humanidade. Por muitos anos foi lembrado, com saudade, pelos peregrinos italianos e estrangeiros.

4.3 Muitas pessoas que chegam aos nossos santuários foram impulsionados pelo sentimento religioso popular. *Puebla* afirma que esse sentimento encerra uma encarnação da Palavra de Deus e, conseqüentemente, é uma forma de evangelização. Este sentimento religioso popular predispõe o povo a ouvir a Palavra de Deus, vendo-a como algo de novo e sempre com maior profundidade. O recente Capítulo provincial da Província de *Foggia* (Itália) aprovou um projeto que pretende desenvolver um programa de evangelização e de espiritualidade franciscana no santuário de *San Giovanni Rotondo*. Estes esforços de melhorar os programas de evangelização que nascem e se fundamentam no sentimento religioso popular —que impulsiona o povo a determinado santuário— sem dúvida produzirão os melhores efeitos para a difusão do Evangelho.

A Província de Portugal iniciou e continua a dirigir o *movimento bíblico*. Muitas pessoas são iniciadas na leitura da Palavra de Deus com um programa de duas horas durante cinco dias consecutivos. É um método que une muitos aspectos das missões populares com a difusão da Palavra de Deus. Como fruto desse trabalho, em Portugal nasceram mais de 3.000 grupos de oração e de reflexão bíblica. Um programa semelhante poderia imprimir forte impulso de evangelização em muitos de nossos santuários, especialmente os de caráter local ou diocesano.

Em 1520 *Maria Lorenza Longo* visitou a Santa Casa de Loreto e sentiu-se milagrosamente curada da paralisia. Converteu-se e decidiu dedicar sua vida a Deus e à assistência aos doentes. Em 1535 fundou o primeiro mosteiro das Pobres Clarissas da reforma capuchinha em Nápoles. As pessoas com fé autêntica fazem peregrinações não somente para implorar graças, mas também como resposta à chamada de Deus para compreender claramente o que o Senhor, em seu mistério de amor, quer delas. Por isso, os santuários que atraem os jovens são também lugares onde deveriam ser iniciados programas de acompanhamento vocacional, ajudando assim a generosidade dos jovens a se orientar ao serviço e à vida segundo o Evangelho.

4.4 «*Não sabemos o que convém pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis*» (Rom 8,26). A sede de Deus e o desejo de descobrir o sentido da vida impulsionam muitos homens e mulheres, adultos, jovens e crianças a visitarem nossos santuários. Eles chegam como a um «*lugar santo*», «*terra sagrada*», onde en-

tram em um ambiente privilegiado por Deus. Esta sede de Deus é um dom do Espírito e exige um clima de silêncio e de oração, com o qual os peregrinos possam encontrar a si mesmos, redescobrir os valores fundamentais da vida através da experiência de um contato silencioso e recolhido com Deus no íntimo do próprio coração.

Esta sede de Deus é interiorizada mais profundamente com a celebração —alegre e liturgicamente atualizada— da Eucaristia, do sacramento da Reconciliação, da Liturgia das Horas, da pregação da Palavra de Deus, de cursos de retiro, de encontros e de dias de recolhimento.

Os frades de *Celle di Cortona* (Itália), como também de diversas fraternidades da Província França-sul e da Vice-província de Sabóia (França), iniciaram «*escolas de oração*». Frei Inácio de Larañaga da Província do Chile manteve um programa semelhante com os seus «*talleres de oración*». Estas iniciativas, que se enlaçam com tradição dos primeiros capuchinhos, ensinam ao povo a arte de orar (cfr. *Const* 53,6).

As Pobres Irmãs Clarissas de *Grenoble* (França), ajudadas pelos demais grupos da Família franciscana, transformaram o seu mosteiro em centro de oração para todos: para as crianças da idade pré-escolar, para os jovens e para os adultos. Baseadas em seu carisma de oração e adoração, as Irmãs partilham esse carisma de maneira típica e criativa.

4.5 O primeiro serviço dos capuchinhos em Loreto foi em favor dos peregrinos e doentes que chegavam à Casa de Maria, em procura de seu amor materno. O acolhimento que damos aos peregrinos deveria manifestar-se com especial e delicado amor pelos pobres. Nestes dias recebi saudações de uma associação que se chama «*Ramo de ouro - Oásis padre Pio de Pietrelcina*» e se dedica à assistência dos doentes. No final de setembro de 1995 participei de uma celebração, durante a qual uma antiga confraria medieval de Sevilha (Espanha), que se dedica ao serviço dos pobres, foi formalmente afiliada à nossa Ordem capuchinha. Qual o motivo? Há 200 anos, um nosso irmão capuchinho —o beato Diogo José de Cádiz— era membro dessa confraria e orientou-a para o serviço dos pobres. Os nossos santuários deveriam ser ambientes familiares para os pobres não somente pela caridade que eles inspiram, mas especialmente por causa da mensagem e da coerente visão de justiça que eles proclamam.

4.6 Nós somos «... *embaixadores em nome de Cristo... Em nome de Cristo, suplicamos: reconciliiem-se com Deus*» (2 Rom 5,20). Os santuários atraem muita gente que procura a paz do coração. Por isso, o ministério da Reconciliação continua como parte indispensável da pastoral de nossos santuários. E, neste particular, somos favorecidos pela estima e confiança que o povo deposita em nós. O conselho que Francisco deu a um ministro é válido também para os confessores: «... *não haja irmão no mundo, mesmo que tenha pecado a não poder mais, que, após ver os teus olhos, se sinta talvez obrigado a sair de tua presença sem obter misericórdia se misericórdia buscou*» (Carta a um Ministro, 91, 5).

Durante minha recente visita à França, o bispo de *Carcassonne* fez todo o possível para se encontrar comigo: queria manifestar a gratidão da Igreja local pela presença dos frades em sua diocese. E deu-me esta explicação: «*Quando vamos aos frades, temos a impressão de estarmos no meio de homens de Deus*». O povo que enche nossos santuários procura «*homens de Deus, homens de oração que encontraram o Espírito no íntimo do seu coração*» (cfr. *Const.* 45, 1-2). Desta maneira, eles são capazes de reconhecer a presença do Espírito no coração dos homens. Eles procuram «*homens de Deus*» dispostos a escutar a história da vida deles, a ajudá-los a ver a mão de Deus, que é amor nas tragédias e nas alegrias de suas vidas, e a indicar-lhes a reconhecer os sinais do Espírito de Deus que guia o futuro deles. Não somente os nossos santuários deveriam ser esses lugares onde se pode encontrar confessores cheios de compreensão e

misericórdia, mas também frades preparados e especializados na direção espiritual, uma necessidade muito sentida por religiosos e leigos de nosso tempo.

4.7 A devoção popular como a presença do papa João Paulo II fizeram dos lugares sagrados de Assis e da mesma cidade um instrumento de paz para o mundo. Cada um de nossos santuários deveria ser um ponto catalisador de paz. Uma nossa fraternidade, na Irlanda, encontra-se em uma pequena cidade onde a Igreja local manifesta-se profundamente dividida por causa da decisão do Bispo de restaurar a catedral. Um frade sabiamente observou: «Devemos evitar de apoiar uma parte. Quando as decisões forem concretizadas e o trabalho acabado, ainda permanecerão o amargor e a divisão. Esse será o nosso momento de graça». No ano passado (1994) recebi uma carta de uma senhora que vive na Suíça. Nela falava de seu torrão natal, na Itália, onde há séculos existe um santuário sob os cuidados dos capuchinhos. Falava com admiração não tanto dos frades em particular, mas da fraternidade capuchinha que formava um elo de unidade nas comunidades paroquiais do lugar, entre si divididas por mal-entendidos e de rivalidades mesquinhas.

5.1 Cada santuário de nossa Ordem é um centro privilegiado da devoção popular de nosso povo que procura autêntica fraternidade, reconciliação e paz do coração. Cada santuário de nossa Ordem constitui um lugar privilegiado de encontro para os corações que se abrem e estão sedentos da experiência de Deus. Isto oferece a cada uma de nossas fraternidades presentes nos vários santuários confiados à Ordem uma ocasião de realizar e desenvolver, de maneira toda especial, a encarnação do «espírito de Assis».

Irmãos, congratulamo-nos com os irmãos da Província das Marcas (Itália) que, com toda a comunidade cristã da Itália, celebram o VII Centenário do Santuário de Loreto. A Virgem da Encarnação abençoe o nosso esforço de fazer renascer o Verbo de Deus no nosso mundo e no coração dos homens e das mulheres que a Providência encaminha a bater às nossas portas.

Fraternalmente,



fr. John Corriveau

frei John Corriveau, OFM Cap.
Ministro geral

